

B  
1508  
N



# TRIBUNA ACADEMICA

FOLHA QUINZENAL

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

Escriptorio e Redacção—Praça do Conde d'Eu 32, 2.º andar.

## TRIBUNA ACADEMICA

Lemos ha muito, que existe no seio da natureza uma lei que impelle para diante o mundo physico e o moral.

Parece-nos que é esta mesma lei que hoje nos faz no mundo das ideias, isto é, na Imprensa, alevantarmos a nossa tenda de trabalho e começarmos esta laboriosa empreza que se chama — propaganda.

E' a mocidade, de certo, que tem por missão o ensino e o trabalho.

Quando ella, cheia d'esta vida iriada de sonhos e phantasias, não puder assentar os grandes principios e as grandes ideias, quem virá rendel-a?

Ninguém de certo!

Os velhos não teem aquella energia da mocidade franceza soprando as fogueiras de 89.

Falta-lhes aquella esperança immorredoura de salvamento, que tiveram os revolucionarios de 17, quando levantaram o seu protesto contra a metropole portugueza!

Pois bem!

Já que se deve á mocidade todos os exemplos, nós não nos esquecemos; aqui estamos firmes.

Para nós, é pela imprensa que se pó de fazer echoar as ideias; firmes, havemos de trabalhar; como os humildes obreiros das minas, em procura do veio de ouro, nós procuramos a paz, o justo e o bem para nossa patria.

Sejamos fortes, para que algum dia, quando o tempo vier cobrir-nos com a sua corôa de neve, nós posamos deixar aos nossos pósteros alguma cousa mais do que a memoria, — o exemplo e o trabalho.

## O suffragio universal

Quando em 1880 resolveu o partido liberal reformar o art. 90 da Constituição, para que as eleições fossem a fiel expressão da vontade popular e não o resultado dos manejos empregados pelos partidos politicos para mais facilmente conseguir maioria na Camara, esperou a nação que o partido que a opposição sempre pugnára pela soberania do povo, procuraria alargar o circulo dos eleitores, diminuindo os requisitos exigidos para o alistamento eleitoral.

Entretanto, emquanto na Hespanha Emilio de Castellar nos seus monumentaes discursos pedia o suffragio universal, e o partido liberal do mundo inteiro batia-se por esse suffragio, o Sr. Conselheiro Saraiva fazia converter em lei um projecto que pela elevação do censo e difficuldade da prova de renda, afastou completamente o povo das urnas.

Se o direito do voto é o meio effcaz e directo do cidadão influir no governo do seu paiz, é claro que ninguém deve privar-o desse direito.

Desde que a nação para a sua manutenção, desenvolvimento e progresso, obriga o cidadão a pagar pesados impostos, e até nas circunstancias extremas exige que elles arrisquem a vida em defeza da patria, é justo que elle saiba porque o faz, e influa com o seu voto no governo do paiz.

O cidadão não pode ser simples espectador, quando se tracta dos seus mais vitaes interesses, e esta tutela do Estado sobre elle o envergonha e humilha, aniquilando completamente a sua personalidade.

Não é, certamente, o direito do voto, um direito natural, um direito inherente ao individuo, como é por exemplo o direito de conservação e de subsistencia: mas é um direito social, que nasce naturalmente das relações existentes entre o Estado e os individuos que o compoem, e assim desde que o cidadão concorre para a manutenção do Estado, ninguém pode legitimamente privar-o desse direito.

Na India existe uma classe social, a dos pariaes, que está completamente fora da lei; não pode repellir os insultos mais violentos e é licito tirar-lhes os bens, mulher e até a propria vida.

Pois entre nós os proletarios têm sido sempre os pariaes do Estado. Entretanto, quando em virtude d'uma aggressão brutal, foi preciso ir defender nos campos do Paraguay as côres auri-verdes do pavilhão nacional, o governo não se lembrou de perguntar a renda dos que marchavam para a campanha: todos serviam contanto que podessem pegar em armas, e os proletarios deixando no lar a mãe enferma, a esposa idolatrada, foram com entusiasmo derramar seu sangue pela patria que sempre fôra madrasta para elles e mãe carinhosa para os grandes e poderosos.

E quando os filhos do povo davam estes brilhantes exemplos de abnegação e civismo, os filhos dilectos da patria abusando de attestados graciosos arrancados a condescendencia de medicos amigos, aguardavam tranquillamente em suas casas o resultado da lucta.

Depois de terem castigado o dictador audaz, elles voltaram cobertos de glorias, porém pobres e alquebrados pelas fadigas e enfermidades, e o povo sempre grande e generoso os recebeu com delirantes manifestações de entusiasmo, mas o governo geral os distinguio com commendas ridiculas como todos os presentes da monarchia.

E foi a estes homens que a lei da reforma eleitoral arrebatou o mais sagrado de todos os direitos,—o direito do voto!

De accordo com Stuart Mill, uma só restricção admittimos a esse direito:—é a produzida pela ignorancia do cidadão.

Sendo a eleição uma escolha, é preciso que o individuo tenha a instrucção necessaria para fazel-a. Por isto é preciso que a instrucção universal preceda ao suffragio universal e que o ensino obrigatorio, preceituado pelo art. 179 da Con-

stituição seja uma realidade entre nós.

Só com o suffragio universal os poderes serão verdadeiramente uma delegação da nação e realiado o ideal das monarchias constitucionaes representativas.

AUGUSTO CASTRO.

### A sociologia do Sr. Herbert Spencer

(Levy Bruhl)

O positivismo não é philosophia tão nova e tão definitiva quanto creram á principio o publico e especialmente os seus adeptos. Recentes trabalhos desvendaram suas origens e incertezas. Todavia difficil seria explicar seu acolhimento rapido e quasi universal si não satisfizesse exactamente, pelo menos sob alguns pontos de vista, ao espirito do nosso seculo e, si elle não contivesse partes novas e originaes, entre as quaes uma das mais notaveis é o esforço por transformar as sciencias moraes e com especialisação as sciencias sociaes. O positivismo inventou a *sociologia*. Este nome barbaro é devido a Augusto Comte. H. Spencer adoptou-o sem achal-o feliz criação; porém pensou, e com razão, que podia sem escrupulo empregar um termo commodo e já sancionado pelo uso. Como os livros, os vocabulos tem o seu destino, e nem sempre os melhores lo-gram sobreviver.

A sociologia designa o conjuncto das sciencias sociaes, ou melhor, a sciencia social. Propõe-se á grupar, classificar e explicar todos os phenomenos sociaes. Antes de tudo, sciencia nova pelo objecto, que ainda não havia sido tão claramente definida; nova sobretudo por seu methodo, que jámais havia tido esta applicação. Sem duvida já se estudava grande numero de sciencias sociaes: a economia politica, a historia das religiões, a sciencia da linguagem, a philosophia da historia; porem todas estas sciencias, com quanto affins, achavam-se, todavia, separadas uma das outras; faltava-lhes o elo que as reduzisse á unidade.

Esta unidade, a sociologia a obterá applicando á sciencia dos phenomenos sociaes um methodo novo.

Pode-se aqui reconhecer uma lei historica constante. Todas as vezes que uma ordem de sciencias rapidamente faz grandes progressos, o methodo por ellas empregado em breve ganha, no pensar dos sabios, valor extraordinario. Os felizes resultados alcançados por este methodo despertam a idéa de que, si

fosse applicado á sciencias menos adiantadas, produziria resultantes igualmente fecundas. Deste modo torna-se naturalmente invasora. No seculo XVII, por exemplo, Descartes, estudando a applicação da Algebra á Geometria, descobre a geometria analytica, maravilhado com os resultados que obtem, attribue ao seu estudo toda a gloria do factio, generalisa-o, pretende transformal-o em methodo universal que conduzirá á sciencia universal. Do mesmo modo em nosso século, as sciencias da natureza adiantaram-se de modo impossivel de esperar-se ha cem annos, e este immenso progredir é devido ao methodo inductivo e experimental.

Igualmente, pesquisas historicas, emprehendidas com maximo ardor, patentearam-nos novas antiguidades, mais antigas do que a antiguidade classica.

Mesmo esta é nos mais conhecida actualmente. Era inevitavel tentar-se applicar á massa de factos, assim accumulados, o methodo inductivo, tão felizmente empregado nas sciencias naturaes; tinham-se os factos, o methodo achar-lhes-ia suas leis. Cumpria que o estudo dos phenomenos sociaes se desenredasse das theorias e das hypotheses, para, tambem, entrar em seu periodo positivo.

Em uma palavra, á philosophia da historia que muitissimo dependia da metaphysica, trata-se de substituir pela sociologia, que constituirá uma sciencia. Difficil tarefa. Em primeiro lugar é preciso demonstrar a possibilidade desta sciencia; em segundo lugar dar pelo menos um esboço da sciencia nova.

O Sr. Spencer não recuou perante as difficuldades deste emprehendimento. Admiravelmente preparado por seus trabalhos anteriores, familiarizado com o emprego do seu methodo e considerando como seu triumpho explicar por sua applicação as leis que regem a formação, o desenvolvimento e a decadencia das sociedades, empenhou-se resolutamente neste novo tentamen.

#### I

Poderá formar-se uma sciencia social?

Si a mathematica é a mais rigorosa e a mais perfeita das sciencias, por ser o objecto o mais simples e o melhor definido de todos, que cousa haverá mais rebelde á forma scientifica do que os phenomenos sociaes? O menor delles presupõe multidão quasi infinita de condições, que, cada uma por seu turno, perde-se em uma rede de causas inextricaveis.

Poderão, phenomenos tão complicados, á ponto de parecer impossiveis de determinar e isolar, prestar-se a outro fim que não a historia ou a estatistica?

O Sr. Spencer, tão evidentemente patentêa esta difficuldade, que levamos, quasi, a partilhar seus receios, quanto á exequibilidade de tal emprehendimento.

E ainda não é tudo.

Aos obstaculos inherentes ao objecto da sociologia associam-se outros não menos temiveis e talvez mais difficeis de superar-se, que originam-se da propria natureza do *sociologista*, de sua condição, de seus habitos, de seu character e do seu espirito. O mathematico não traz consigo preconceitos quando applica-se ao estudo da geometria. Tambem em geral as prevenções não vem falsear o juizo do chimico ou do physico: com sangue frio observa-se a queda dos corpos ou a combinação dos gazes.

Porém, desde que se trata de phenomenos sociaes, isto é, desde que toca-se á politica, ainda que puramente retrospectiva, ou historica, a paixão entra em jogo: nada ha mais raro, mais difficil de encontrar-se do que uma razão calma e sã.

O proprio Sr. Spencer poderia servir de exemplo. Não é possivel tocar á este estudo sem algum preconceito bebido com o leite, ou respirado na athmosphera.

(Continúa.)

HILDEBERTO GUIMARÃES.

### A nossa instrucção secundaria

#### I

Quem quer que, compenetrado das miserias da nossa patria, lançar um olhar em redor de si e procurar descobrir entre muitas a, talvez mais nociva, causa do nosso abatimento, certamente distinguirá o deleixo e a incuria do governo sobre o nosso systema de instrucção secundaria.

Com effeito, cada dia succedem-se novas scenas no theatro da nossa politica, novos personagens têm entrada, mas apezar disso são sempre os mesmos os morólogos e os dialogos, e sempre os mesmos os bastidores.

O imperial *ponto* conserva-se sempre mudo, por não ser precisa a sua *real* intervenção nos ensaios da grotesca tragedia, tantas vezes repetida.

O assumpto destas linhas, é verdade, tem despertado a attenção d'alguns Srs. Ministros; mas estes têm-se limitado apenas a discutir

generalidades, sem aprofundar as reflexões, ficando tudo como d'antes foi.

Os nossos homens de estado têm muitas vezes affirmado de suas augustas cadeiras que a nossa instrução vai mal e que a pouca que temos deixa resultados quasi nulos.

Mas é so isso o que dizem, e não é de extranhar, porque, para elles, a grande questão é somente alcançar as grandes posições para as quaes nem sempre elles têm a capacidade precisa, antes as adquirem pelo favoritismo bastante pronunciado e assás escandaloso.

Entretanto, a *cousa* não é para desprezar.

Em tocos os tempos a causa da instrução foi tratada pelos povos civilizados com uma particular deferencia, que não tinham outras questões de menor alcance.

Entre as muitas forças civilisadoras, ou motores de acção evolutiva nas sociedades, a cultura das lettras, artes e sciencias deve ter o primeiro lugar.

A Allemanha, a França a Inglaterra e os Estados-Unidos há muito que comprehenderam a força desta verdade.

Já houve quem dissesse que, para se julgar dos progressos d'uma nação, antes de se indagar da liberalidade de suas leis, examinasse-se as estatisticas e o numero de suas escolas.

Aqui no Brazil, porem, fará vergonha a applicação de tal methodo.

No entretanto dizemo-nos um povo civilizado! Não o somos ainda.

O Dr. Tobias disse:—“A candidatura do Brazil aos foros de nação culta é um phenomeno morbido:—alguma cousa de semelhante ao disparate dos loucos que se julgam reis.

Que cultura se concebe para um povo, cuja religião, cuja politica são puramente mechanicas?

E que religião e que politica pode haver em um paiz onde a philosophia é nulla, onde a arte é nulla, onde a sciencia é nulla?—E eis ahi tudo” (1).

Estas palavras do illustre critico sergipano contêm muita verdade e vêm corroborar o nosso assérto.

Si quizessemos levar a questão para o terreno dos dados mathematicos e das estatisticas comparativas, teriamos sobejas provas a nosso favor.

Demonstraríamos que o nosso paiz, em relação com as republicas do sul, e principalmente com a Confederação Argentina, occupa uma posição humilhante e rachitica a respeito de instrução.

Para isto bastaria-nos recorrer ás

notas apresentadas nas estatisticas de Hippeau (1876), aos calculos do Sr. Vaillant, director da repartição de Estatista da Republica Oriental de Uruguay e notavel especialista neste ramo, e finalmente a uma recente obra de um estadista portuguez, o Sr. Visconde de S. Januario (*Missão nas republicas da America do sul*), citadas na importante obra do Sr. Assis Brazil (2).

Não é nosso fim, porém, declamar, mostrando a necessidade do augmento de escolas publicas para instrução.

Seria baldada tal tarefa.

Queremos mostrar apenas a deficiencia na quantidade e nos methodos respectivos no ensino das materias que constituem o cabedal dos conhecimentos que o governo dá como razão á mocidade brasileira.

Sem importarmos com a instrução primaria, cujo cadaver já tem sido bastante retalhado pelo escalpello da critica, procuremos saber quaes são os conhecimentos que pode levar um moço para dentro das academias do Imperio, depois de ter concluido o seu curso preparatorio.

## II

Restringindo, pois, a proposição ao ensino secundario, vemos que, pelo actual plano de estudos, o moço que tiver bem aproveitado (na melhor hypothese) sabe como entrou, ou por outra, leva para o seio da sociedade um acanhado *recueil* de conhecimentos excessivamente superficiaes, ignorando a maior parte de materias essenciaes á nova vida que vai ter.

O curso preparatorio compõe-se de dez materias, que nós inscrevemos na seguinte ordem:—*Portuguez, Francez, Inglez, Latim, Rhetorica* (3), *Arithmetica, Geometria, Historia, Geographia, e Philosophia*.

Suppondo que se matricule em qualquer uma das nossas Academias um destes moços, vejamos o que sabe elle.

*Portuguez*—O estudo do nosso idioma foi sempre o que soffreu mais mutilações.

O que se exige dos moços, que se dizem *preparados para fazer exame*, é o conhecimento grammatical das palavras e a analyse e divisão das orações.

A redacção propria, a correccção orthographica e a etymologia das palavras são sacrificadas áquelles intuitos, os unicos necessarios ao *attestado de habilitação*.

(2) Assis Brazil: *Republica Federal*.

(3) Para a matricula nas escolas de medicina substitue-se esta materia por *Algebra*.

Ignorará sobre tudo a historia de sua lingua, as leis de formação desta, os monumentos classicos, e, o que é mais, as relações que ella tiver com o grupo linguistico a que pertence, pondo-se de lado desta forma os conhecimentos que a mocidade poderia achar na cultura da sciencia da Linguistica, em seus progressos desde o seculo XVIII em que Charles Brosses (conhecido pelo Presidente de Brosses) bateu as theorias que os theologos d'então tinham sobre a linguagem, sustentando as opiniões de Epicuro e Lucrecio, até a modernissima classificação de Guilherme Schlegel, baseada sobre o estudo da morphologia das palavras (4).

D'ahi a incorrecção que se nota nos escriptos da imprensa brasileira, nos discursos e obras litterarias e em tudo mais quanto dependa do conhecimento de taes principios.

*Francez, Inglez e Latim*—No estudo destas tres linguas vê-se o mesmo abuso, observa-se a mesma incuria.

O que se aprende unicamente é fazer uma traducção *grammatical* d'um livro dado, analysar as palavras e conhecer os idiotismos e difficuldades da etymologia e da syntaxe.

O decantado *thema* é a parvoice a tantissimo tempo considerada como uma inutilidade. Alem de ser já difficil ao moço, que tem um anno de estudo da materia, verter um trecho da lingua vernacula para uma estrangeira, dá-se que os programmas officiaes ordenam que esta versão seja feita pelos velhos classicos portuguezes, hoje quasi que inintelligiveis e indecifráveis, como sejam os do Padre Manoel Bernardes, Rodrigues Lobo, etc. (5).

(Continúa.)

HENRIQUE MARTINS.

## Evolução politica

Da mesma sorte que entre os Hebreus “o mais inexpiable de todos os crimes era a *idolatria*” assim tambem, em nosso paiz, nos primeiros tempos o maior de todos os abusos era a sincera manifestação do sentimento democratico!

A republica traduzia-se no sangue, no terror—o republicano era synonymo de revolucionario, de demagogo.

Tudo se ha mudado!

(4) Veja-se Zaborowski: *L'origine du langage*.

(5) Felizmente nestes ultimos annos 84, 85 e 86, tem vindo ordem para se substituir os authores citados por outros modernos, como A. Garret, A. Herculano, Lisboa, etc.

(1) Tobias Barreto: *Ensaio e est. de Philosophia e Critica*.—Recife.

A sublime lei da evolução, que no seculo actual regula o espirito da sciencia moderna, avassallando a consciencia de todos, tem de algum modo melhorado a nossa sociedade politica. E cremos que não podia deixar de ser assim.

As grandes ideias, as que pouco a pouco acham echo no coração popular, as que uma vez amadurecidas na consciencia das nações, dão uma nova feição a todos os movimentos politicos e sociaes, sempre encontram na mais modesta propaganda enormes tropeços, obstaculos á primeira vista insuperaveis!

Assim tambem os reformadores!

O grande principio das nacionalidades, do qual primeiro fallou a Allemanha, mas que primeiro sentiu a França, principio de honra actualmente para todos os povos livres e que deu origem ao ideal que se aperfeiçoa o *cosmopolitismo*, encontrou ao nascer, como derrota inesperada, o despotismo injustificavel do maior tyranno dos tempos modernos—Napoleão I!

Tambem o povo irlandez que ha dez annos pedia, em altos brados, a effectividade da mais santa aspiração de uma *possessão* oprimida—a liberdade territorial—de que tanto falla S. Mill, teve contra si a irrisão e o odio insuperavel da orgulhosa Inglaterra.

Tudo se transformou...

Agora é Gladstone que, depois de um triumpho eleitoral que muito ennobrece um estadista emerito, interpreta os sentimentos e ideias de um parlamento illustrado e concede aos *homes rulers* da Irlanda a referida liberdade, em defeza da qual elles, portanto, ficaram excluidos de todos os beneficios nacionaes!

No Brasil, como em quasi toda a Europa, as ideias da democracia tem progredido.

Já se reconhece a superioridade theorica e pratica dos principios republicanos sobre as bases falsas de uma *olygarchia* vergonhosa!

A ninguem é vedado desconhecer que as monarchias têm feito correr mais sangue, teem-se notabilisado mais pela tyrannia de seus governos, do que pelo progresso de suas instituições.

Caro já disse:—o thesouro ensina a perfidia... Elle busca no atraso do povo o mais robusto elemento de sua permanencia!

Ainda neste seculo, ha bem poucos annos, vimos o exercito de Guilherme da Allemanha salpicar hediondamente de sangue o solo francez... Miseravelmente conquistou as brilhantes perolas que mais resplandeciam no diadema da Republica de França!

Ainda estão subjugadas a Alsacia e a Lorena...

Felizmente temos caminhado. O povo dia á dia se compenetra de que os governos da realza não tem cumprido a sua missão, não são os governos da discussão!

Elles não teem pacificado a luta natural e espontanea da força contra o direito,—da razão contra a tradição!

Em nossa patria temos visto a disciplina desta luta, que, dando vida aos governos, estabelece a difusão de luzes!

Todos os dias me convenço que a lucta alludida se faz essencial e necessaria para a prosperidade dos associados.

O que é verdade, é que esta doutrina tão bellamente sustentada pelos publicistas da escola conservadora, não tem tido a sua execução nos governos brasileiros.

Aqui, os membros de ambos os partidos, que só se differenciam pelos nomes, offuscam diariamente com ambições mesquinhas, o salutar desenvolvimento dos principios!

Luctando pelo calor das paixões, enrolam a bandeira das ideias. A questão é de poder!

Diante deste desregramento, quer opposicionista, quer governamental, da ausencia de patriotismo em todos os actos ministeriaes, da hypocrisia do Imperante, do poder pessoal que de tudo menoscaba, da imperfeição das theorias da variante-monarchica, é natural, consequente, perfeitamente legitima, a evolução politica que se opera em todos os espiritos criteriosos.

A monarchia com seus desmandos, prepara o advento da Republica Brasileira...

A constituição de clubs em quasi todas as provincias, traduz-se no mais completo e solemne brado de reacção!...

O Rio G. do Sul, ha de em breve levantar-se, e escreverá em letras de ouro, n'uma bandeira pura: a questão é de forma!

S. Paulo—que já tem caminhado, terá então como recompensa de uma propaganda laboriosa as palmas da multidão...

O movimento abolicionista do Norte do Imperio, heroico sob todos os pontos de vista, ha de encontrar-se com a reacção republicana das bandas do Sul.

O encontro dar-se-ha na Corte. Nos sabios exemplos do passado e nos desmandos do presente, eu quero enxergar nas auras do porvir dias de liberdade para a Patria Brasileira!

25 de Abril de 86.

NILO PEÇANHA.

## Perfume estranho

*Quando cahiu-lhe das mãos,  
Beijei um dia o seu lenço.  
Aroma assim tão estranho,  
Não ha neste mundo, penso.*

*Tinha a brandura da carne,  
E a fresquidão dos jasmims,  
Era uma onda de essencias  
De rozas e benjoins.*

*Assim mui tempo suppuz  
Que aquella essencia tão mixta,  
Fosse por ella roubada,  
De oriental perfumista.*

*Mas não. Um dia walsando,  
Com precauções e receios,  
Eu vi um lenço rendado,  
Cobrindo-lhe os alvos seios.*

*Então eu pude sondar  
O meu mysterio profundo:  
Aquelle aroma do lenço  
Não era essencia do mundo.*

36.

SAMUEL MARTINS.

## Evolução

(Continuação)

Segundo o principio mathesiologico achado por Descartes e applicado por Comte, como a base da classificação de todos os conhecimentos humanos, vê-se que a Sociologia occupa naturalmente o lugar mais elevado da escala scientifica; o que quer dizer, noutros termos, que os phenomenos sociaes são os mais complicados dos phenomenos, mas sujeitos, como todos, á leis naturaes e fataes.

Tal é a natureza das explicações da moderna escola dinamica, ou concepção mechanica do mundo, que hoje podemos dizer:—tudo o que existe, desde os mais simples phenomenos de gravitação até as mais altas creações sociaes, tudo está sujeito a lei da causalidade que é uma *força* una, universal e immanente.

Se bem attendermos á marcha das civilisações, havemos de notar que os phenomenos sociaes tambem podem ser objecto de sciencia, pois que de nenhum modo elles se subtraem ao imperio das leis naturaes.

Jamais se viu um povo passar bruscamente de um estado selvagem para outro civilisado.

Jamais se viu um povo deixar a forma rudimentar da religião, o fetichismo, para abraçar de prompto o monotheismo.

E a prova ahi está no resultado das missões religiosas levadas pelo catholicismo a differentes selvagens da Africa e d'aqui d'America.

Estes factos reconhecidos pelo congresso de estatística da ultima Exposição Universal de Paris, são, diz Ramalho Ortigão, a contraprova experimental da theoria de Comte:

Que os phenomenos sociaes estão sujeitos a leis naturaes e se manifestam por uma ordem de successão universal e necessaria, a que se chama em sociologia a—evolução.

As estatísticas de criminalidades de casamentos e tantas outras, provam pela mesma fórma a dependencia dos actos humanos, vis á vis das condições do meio.

Exemplos não menos comprobatorios vêm-se ainda, e frequentemente na acção desta força que se chama governo.

Tudo bem considerado, não é a opinião das massas quem realisa as reformas?

Não ha contestação possível, após os trabalhos de escriptores justamente admirados como Comte, Spencer, Braga e outros.

Buckle, outro escriptor igualmente notavel, escreve: "nenhuma grande reforma, quer legislativa, quer executiva, foi jamais em paiz algum a obra daquelles que governam. Perante os factos elle chega mesmo a provar que todos os interesses da sociedade foram na Inglaterra gravemente comprometidos por todas as tentativas que os legisladores fizeram para os auxiliar (1).

A mesma, é a opinião de Comte quando diz que todo o mechanismo social repousa sobre as opiniões.

FOLHETIM

PICKNICK LITTERARIO

(Inter amicos)

Nada de prologos que são escusados e tocantes, dizia o General Andréa Barão de Caçapava. E dou as mãos comsigo. O que significam esses preambulos, com effeito?

ZÉ BALDUINO (1).

Depois das folias carnavalescas deste anno, nada mais nos tem despertado a attenção pela sua animação e bom gosto do que um picknick litterario que se effectuou nos arraiaes typographicos, sob os auspicios do Sr. Paula Marinho — a quem Deus Guarde.

Annunciado d'antemão tão enorme acontecimento, graças aos cartazes *toto urbe* distribuidos, não podia deixar de ser concorrido e abrihantado pelos neo-cultores e propagadores da litteratura patria.

A cousa não era para menos. Reunião tão selecta ha muito que

Não venha agora o leitor monarchico suppor que encontra ahi, por uns tantos argumentos capciosos, um apoio em favor da fórma de governo que nos rege. Não, a monarchia está condemnada biologicamente, economicamente e historicamente.

Não se procure contestar o que affirmo, apontando-se-me estados adiantados da Europa, onde impera esta desgraçada fórma de governo.

Este argumento estafado revela simplesmente, ou uma intelligencia escravizada pelo espirito de seita ou então uma miseravel ignorancia das razões pelas quaes a monarchia se conserva ainda no velho continente.

Ali ella apoia simplesmente nesta força de tradições que remontam ao tempo da antiga Roma, e que vêm de accumular-se atravez deste longo periodo catholico-feudal, isto é, atravez de toda a idade media, esta epoca fatal, na qual em muitos pontos a Europa teve forçosamente de retroceder.

Mas, a prova, de que as tradições não têm o privilegio da hydra de Lerna, está nos exemplos que a propria Europa nos offerece, ahi nas instituições republicanas da Suissa e da França; ahi nas aspirações da Hespanha e Portugal; ahi nas aspirações nihilistas e socialistas que se propagam por todas as partes do continente e que necessariamente hão de acabar matando as monarchias, porque nao ha como resistir ao desdobraimento das massas.

se fazia esperar: este "protesto accumulado de forças e de indignação contra o morbido estado mental da nossa Academia".

E' preciso notar, antes de tudo, que esta festa é principalmente de character academico, e em sua descripção, para mais solemnidade, usaremos de um estylo parlamentar.

\* \*

A arena está lux-asiaticamente preparada.

Devemos principiar, como diz Zé Balduino, *principiar do principio*, e, como tivesse chegado mais cedo o supracitado poeta, foi aquinhoado com o cargo de porteiro, inexhoravel aos prologos tocantes.

O SR. PAULA MARINHO (*sentado sobre um prelo e tendo na mão o "Seis de Março"*) — Está aberta a sessão (sem ninguem no recinto em vista da frieza litteraria).

O SR. ZÉ BALDUINO (*dirigindo-se ao Sr. Paula*) — Aqui está a Redacção do "Seis de Março".

O SR. PAULA MARINHO — Chegaram á boa hora. Nomeio-os para a commissão de reconhecimento de poderes; exijo, porém, uma selecção escrupulosa para este recinto; pelo

E' preciso, portanto, acabar com este despropósito de apontar-se extemporaneamente para a Inglaterra e Allemanha, procurando-se imital-as de um modo servil e justamente naquillo que ellas têm de mais despresivel.

E' preciso que se attenda sobretudo para as condições especialissimas em que se acha a America, em cuja historia não existem felizmente aquellas feias tradições. Pelo contrario, o novo continente é todo circundado de uma atmosphera de puro liberalismo capaz de oxigenar beneficentemente a alma de todas as unidades ethnicas que o compõem, desde os Estados Unidos do Mississipe á ultima republica do Pacifico.

Só o Brasil foi desviado desta corrente de liberalismo vivificante; elle, porém, não pode por mais tempo absorver este ar pesado e miasmatico que lhe vem de uma monarchia plantada no solo da America por condições casuaes e fortuitas.

Estas considerações eram necessarias, e sobremaneira indispensaveis diante de uma curiosa dialecta que nos cerca.

Proseguindo agora no meu assumpto, eu começo com as palavras de Spencer:—aquelles que preparam verdades novas e que as ensinam aos seus semelhantes são em nossos dias os verdadeiros poderes, os legisladores não reconhecidos, os unicos reis.

Convençam-se os mais serios contraditores da Sociologia—ou os phe-

que assumirá as redeas de relator o Conselheiro Galdino Loreto, por ser propagador das sciencias mathematicas.

A COMMISSÃO (pela bocca do seu relator) — Depois de agradecermos tão honrosa incumbencia, convém apresentarmos os nossos contingentes, que são parcellas da somma que resume este festim, uma viagem á roda da litteratura academica nestes ultimos dias.

O CONSELHEIRO LORETO (por si) — Comecei a escrever em 83 em varios periodicos ou diarios (como diz Badú). Depois entendi de *cacetear* a humanidade com as taes **Almas Penadas**; levei muitas peiadas, é verdade, mas aquillo foi uma simples critica de credices do nosso sertão e, *animem-me ou não...* será um *verdadeiro apostolado* (2). Mas agora mudei o massante assumpto e trago os **Devaneios Litterarios**.

O SR. FELICIO BUARQUE — Eu já fui um poeta *malvado*, os meus versos eram duros como *carbóço de dende*, depois publiquei na "Tribuna" uma serie de artigos sobre o abolicionismo, para cuja impressão não

A sublime lei da evolução, que no seculo actual regula o espirito da sciencia moderna, avassallando a consciencia de todos, tem de algum modo melhorado a nossa sociedade politica. E cremos que não podia deixar de ser assim.

As grandes ideias, as que pouco a pouco acham echo no coração popular, as que uma vez amadurecidas na consciencia das nações, dão uma nova feição a todos os movimentos politicos e sociaes, sempre encontram na mais modesta propaganda enormes tropeços, obstaculos á primeira vista insuperaveis!

Assim tambem os reformadores!

O grande principio das nacionalidades, do qual primeiro fallou a Allemanha, mas que primeiro sentiu a França, principio de honra actualmente para todos os povos livres e que deu origem ao ideal que se aperfeioa o *cosmopolitismo*, encontrou ao nascer, como derrota inexperada, o despotismo injustificavel do maior tyranno dos tempos modernos—Napoleão I!

Tambem o povo irlandez que ha dez annos pedia, em altos brados, a effectividade da mais santa aspiração de uma *possessão* opprimida—a liberdade territorial—de que tanto falla S. Mill, teve contra si a irrisão e o odio insuperavel da orgulhosa Inglaterra.

Tudo se transformou...

Agora é Gladstone que, depois de um triumpho eleitoral que muito ennobrece um estadista emerito, interpreta os sentimentos e ideias de um parlamento illustrado e concede aos *homes rulers* da Irlanda a referida liberdade, em defeza da qual elles, portanto, ficaram excluidos de todos os beneficios nacionaes!

No Brasil, como em quasi toda a Europa, as ideias da democracia tem progredido.

Já se reconhece a superioridade theorica e pratica dos principios republicanos sobre as bases falsas de uma *olygarchia* vergonhosa!

A ninguem é vedado desconhecer que as monarchias têm feito correr mais sangue, teem-se notabilizado mais pela tyrannia de seus governos, do que pelo progresso de suas instituições.

Caro já disse:—o thesouro ensina a perfidia... Elle busca no atraso do povo o mais robusto elemento de sua permanencia!

Ainda neste seculo, ha bem poucos annos, vimos o exercito de Guilherme da Allemanha salpicar hediondamente de sangue o solo francez... Miseravelmente conquistou as brilhantes perolas que mais resplandeciam no diadema da Republica de França!

Ainda estão subjugadas a Alsacia e a Lorena...

Felizmente temos caminhado. O povo dia á dia se compenetra de que os governos da realza não tem cumprido a sua missão, não são os governos da discussão!

Elles não teem pacificado a luta natural e espontanea da força contra o direito,—da razão contra a tradição!

Em nossa patria temos visto a disciplina desta luta, que, dando vida aos governos, estabelece a diffusão de luzes!

Todos os dias me convenço que a lucta alludida se faz essencial e necessaria para a prosperidade dos associados.

O que é verdade, é que esta doutrina tão bellamente sustentada pelos publicistas da escola conservadora, não tem tido a sua execução nos governos brasileiros.

Aqui, os membros de ambos os partidos, que só se differenciam pelos nomes, offuscam diariamente com ambições mesquinhas, o salutar desenvolvimento dos principios!

Luctando pelo calor das paixões, enrolam a bandeira das ideias. A questão é de poder!

Diante deste desregramento, quer opposicionista, quer governamental, da ausencia de patriotismo em todos os actos ministeriaes, da hypocrisia do Imperante, do poder pessoal que de tudo menoscaba, da imperfeição das theorias da variante-monarchica, é natural, consequente, perfeitamente legitima, a evolução politica que se opera em todos os espiritos criteriosos.

A monarchia com seus desmandos, prepara o advento da Republica Brasileira...

A constituição de clubs em quasi todas as provincias, traduz-se no mais completo e solemne brado de reacção!...

O Rio G. do Sul, ha de em breve levantar-se, e escreverá em letras de oiro, n'uma bandeira pura: a questão é de forma!

S. Paulo—que já tem caminhado, terá então como recompensa de uma propaganda laboriosa as palmas da multidão...

O movimento abolicionista do Norte do Imperio, heroico sob todos os pontos de vista, ha de encontrar-se com a reacção republicana das bandas do Sul.

O encontro dar-se-ha na Corte. Nos sabios exemplos do passado e nos desmandos do presente, eu quero enxergar nas auras do porvir dias de liberdade para a Patria Brasileira!

25 de Abril de 86.

NILO PEÇANHA.

## Perfume estranho

*Quando cahiu-lhe das mãos,  
Beijei um dia o seu lenço.  
Aroma assim tão estranho,  
Não ha neste mundo, penso.*

*Tinha a brandura da carne,  
E a fresquidão dos jasmíns,  
Era uma onda de essencias  
De rozas e benjoins.*

*Assim mui tempo suppuz  
Que aquella essencia tão mixta,  
Fosse por ella roubada,  
De oriental perfumista.*

*Mas não. Um dia walsando,  
Com precauções e receios,  
Eu vi um lenço rendado,  
Cobrindo-lhe os alvos seios.*

*Então eu pude sondar  
O meu mysterio profundo:  
Aquelle aroma do lenço  
Não era essencia do mundo.*

86.

SAMUEL MARTINS.

## Evolução

(Continuação)

Segundo o principio mathesiologico achado por Descartes e applicado por Comte, como a base da classificação de todos os conhecimentos humanos, vê-se que a Sociologia occupa naturalmente o lugar mais elevado da escala scientifica; o que quer dizer, noutros termos, que os phenomenos sociaes são os mais complicados dos phenomenos, mas sujeitos, como todos, á leis naturaes e fataes.

Tal é a natureza das explicações da moderna escola dynamica, ou concepção mechanica do mundo, que hoje podemos dizer:—tudo o que existe, desde os mais simples phenomenos de gravitação até as mais altas creações sociaes, tudo está sujeito a lei da causalidade que é uma *força* una, universal e immanente.

Se bem attendermos á marcha das civilizações, havemos de notar que os phenomenos sociaes tambem podem ser objecto de sciencia, pois que de nenhum modo elles se subtraem ao imperio das leis naturaes.

Jamais se viu um povo passar bruscamente de um estado selvagem para outro civilizado.

Jamais se viu um povo deixar a forma rudimentar da religião, o fetichismo, para abraçar de prompto o monotheismo.

E a prova ahi está no resultado das missões religiosas levadas pelo catholicismo a differentes selvagens da Africa e d'aqui d'America.

Estes factos reconhecidos pelo congresso de estatística da ultima Exposição Universal de Paris, são, diz Ramalho Ortigão, a contraprova experimental da theoria de Comte:

Que os phenomenos sociaes estão sujeitos a leis naturaes e se manifestam por uma ordem de successão universal e necessaria, a que se chama em sociologia a—evolução.

As estatisticas de criminalidades de casamentos e tantas outras, provam pela mesma fórma a dependencia dos actos humanos, vis á vis das condições do meio.

Exemplos não menos comprobatorios vêm-se ainda, e frequentemente na acção desta força que se chama governo.

Tudo bem considerado, não é a opinião das massas quem realisa as reformas?

Não ha contestação possível, após os trabalhos de escriptores justamente admirados como Comte, Spencer, Braga e outros.

Buckle, outro escriptor igualmente notavel, escreve: "nenhuma grande reforma, quer legislativa, quer executiva, foi jamais em paiz algum a obra daquelles que governam. Perante os factos elle chega mesmo a provar que todos os interesses da sociedade foram na Inglaterra gravemente compromettidos por todas as tentativas que os legisladores fizeram para os auxiliar (1).

A mesma, é a opinião de Comte quando diz que todo o mechanismo social repousa sobre as opiniões.

## FOLHETIM

### PICKNICK LITTERARIO

(Inter amicos)

Nada de prologos que são escusados e tocantes, dizia o General Andréa Barão de Caçapava. E dou as mãos comsigo. O que significam esses preambulos, com effeito?

ZÉ BALDUINO (1).

Depois das folias carnavalescas deste anno, nada mais nos tem despertado a attenção pela sua animação e bom gosto do que um picknick litterario que se effectuou nos arraiaes typographicos, sob os auspicios do Sr. Paula Marinho — a quem Deus Guarde.

Annunciado d'antemão tão enorme acontecimento, graças aos cartazes *toto urbe* distribuidos, não podia deixar de ser concorrido e abrihantado pelos neo-cultores e propagadores da litteratura patria.

A cousa não era para menos.

Reunião tão selecta ha muito que

Não venha agora o leitor monarchico suppor que encontra ahi, por uns tantos argumentos capciosos, um apoio em favor da fórma de governo que nos rege. Não, a monarchia está condemnada biologicamente, economicamente e historicamente.

Não se procure contestar o que affirmo, apontando-se-me estados adiantados da Europa, onde impera esta desgraçada fórma de governo.

Este argumento estafado revela simplesmente, ou uma intelligencia escravizada pelo espirito de seita ou então uma miseravel ignorancia das razões pelas quaes a monarchia se conserva ainda no velho continente.

Ali ella apoia simplesmente nesta força de tradições que remontam ao tempo da antiga Roma, e que vêm de acumular-se atravez deste longo periodo catholico-feudal, isto é, atravez de toda a idade media, esta epoca fatal, na qual em muitos pontos a Europa teve forçosamente de retroceder.

Mas, a prova, de que as tradições não têm o privilegio da hydra de Lerna, está nos exemplos que a propria Europa nos offerece, ahi nas instituições republicanas da Suissa e da França; ahi nas aspirações da Hespanha e Portugal; ahi nas aspirações nihilistas e socialistas que se propagam por todas as partes do continente e que necessariamente hão de acabar matando as monarchias, porque nao ha como resistir ao desdobraimento das massas.

se fazia esperar: este "*protesto accumulado de forças e de indignação contra o morbido estado mental da nossa Academia*".

E' preciso notar, antes de tudo, que esta festa é principalmente de character academico, e em sua descripção, para mais solemnidade, usaremos de um estylo *parlamentar*.

\* \*

A arena está *lux-asiaticamente* preparada.

*Devemos principiar*, como diz Zé Balduino, *principiar do principio*, e, como tivesse chegado mais cedo o supracitado poeta, foi aquinhado com o cargo de porteiro, inexhoravel aos prologos tocantes.

O SR. PAULA MARINHO (*sentado sobre um prelo e tendo na mão o "Seis de Março"*) — Está aberta a sessão (sem ninguem no recinto em vista da frieza litteraria).

O SR. ZÉ BALDUINO (*dirigindo-se ao Sr. Paula*) — Aqui está a Redacção do "*Seis de Março*".

O SR. PAULA MARINHO — Chegaram á boa hora. Nomeio-os para a commissão de reconhecimento de poderes; exijo, porém, uma selecção escrupulosa para este recinto; pelo

E' preciso, portanto, acabar com este despropósito de apontar-se extemporaneamente para a Inglaterra e Allemanha, procurando-se imital-as de um modo servil e justamente naquillo que ellas têm de mais despresivel.

E' preciso que se attenda sobretudo para as condições especialissimas em que se acha a America, em cuja historia não existem felizmente aquellas feias tradições. Pelo contrario, o novo continente é todo circumdado de uma athmosfera de puro liberalismo capaz de oxigenar beneficemente a alma de todas as unidades ethnicas que o compõem, desde os Estados Unidos do Mississipe á ultima republica do Pacifico.

Só o Brasil foi desviado desta corrente de liberalismo vivificante; elle, porém, não pode por mais tempo absorver este ar pesado e miasmatico que lhe vem de uma monarchia plantada no solo da America por condições casuaes e fortuitas.

Estas considerações eram necessarias, e sobremaneira indispensaveis diante de uma curiosa dialecta que nos cerca.

Proseguindo agora no meu assumpto, eu começo com as palavras de Spencer: — aquelles que preparam verdades novas e que as ensinam aos seus semelhantes são em nossos dias os verdadeiros poderes, os legisladores não reconhecidos, os unicos reis.

Convençam-se os mais serios contraditores da Sociologia — ou os phe-

que assumirá as redeas de relator o Conselheiro Galdino Loreto, por ser propagador das sciencias mathematicas.

A COMMISSÃO (pela bocca do seu relator) — Depois de agradecermos tão honrosa incumbencia, convém apresentarmos os nossos contingentes, que são parcellas da somma que resume este festim, uma viagem á roda da litteratura academica nestes ultimos dias.

O CONSELHEIRO LORETO (por si) — Comecei a escrever em 83 em varios periodicos ou diarios (como diz Badú). Depois entendi de *cacetear* a humanidade com as **taes Almas Penadas**; levei muitas peiadas, é verdade, mas aquillo foi uma simples critica de credences do nosso sertão e, *animem-me ou não...* será um *verdadeiro apostolado* (2). Mas agora mudei o massante assumpto e trago os **Devaneios Litterarios**.

O SR. FELICIO BUARQUE — Eu já fui um poeta *malvado*, os meus versos eram duros como *carço de dendê*, depois publiquei na "*Tribuna*" uma serie de artigos sobre o abolicionismo, para cuja impressão não

nomenos sociaes estão sujeitos a leis naturaes e fataes, como todos os outros phenomenos, e neste caso a lei immanente da causalidade universal é a mais bella das realidades; ou elles estão fora desta lei, e neste caso ella perde todo o seu prestigio. Mas o estudo aprofundado da historia, da prehistoria, da ethnographia, da propria historia natural, onde encontram-se já em germen toda a ordem de phenomenos sociaes, desde o matriarchado até a especificação do trabalho, todos estes estudos provam a existencia da sciencia social; provam que os phenomenos sociaes nascem empiricamente, e por effeito de condições cosmographicas e ethnographicas. Onde, porem, esta verdade se manifesta em toda a sua evidencia é nas grandes descobertas biologicas e physiologicas modernas que fazem a gloria de Darwim e de Milne Eduards.

Do mesmo modo que nos organismos individuaes, desde o protoplasma até o homem, se manifesta uma divisão physiologica sempre crescente e especificadora, do mesmo modo que desta tendencia geral dos individuos de se multiplicarem excessivamente nasce um conflicto inevitavel, donde sae a selecção—do mesmo modo tambem o desdobramento da população accusa desde os seus principios uma divisão de trabalho tambem cressente, especificadora e progressiva, um conflicto

gastei um X; e agora, a proposito de Devaneios Litterarios, estão no prélo as minhas **Refracções** (versos) onde mostro melhora consideravel em meus escriptos.

O SR. ZÉ BALDUINO—Nem sempre foram crystalinas as aguas da Palestina (3).

O SR. BIANOR DE MEDEIROS—Por motivos alheios á minha vontade, descendo da familia dos *pernilongos* e sou physicamente myope. Tenho a minha queda para a poesia e não desgosto das bravatas. *E poderia passar desapercbido no meio das chulhões populares*, já tendo eu escripto em diversos jornaes d'aqui e da Córte do Imperio? Se não sou actualmente um *mór*, por meus bigodes ausentes, juro que mais tarde hei de sê-lo.

O SR. DELFINO DE PAULA—*Ego sum sine barba nati*. Tenho lido muito e sou uma *prosa* agradável, em leitura de romances ninguem se pega comigo. Pertenci a antiga redacção do **Século**, tenho ideias adiantadas, porém gosto mais de criticar os outros do que de escrever; mesmo assim revelo criterio em meus escriptos.

social donde sae a selecção, isto é, a evolução.

Foi por isso que eu disse, logo no começo do meu artigo, que o phenomeno da população era a base da sociologia. Assim como, diz Th. Braga, o conflicto vital no dominio biologico é a causa principal da adaptação dos organismos, do prevalecimento exclusivo de dadas funcções e de aperfeçoamento por uma transformação progressiva, no dominio sociologico tambem o conflicto permanente da População é a causa principal da divisão do trabalho, da especialização das aptidões, da maior somma de manifestações individuaes que actuam racionalmente sobre a marcha empirica das sociedades. (2)

A' luz destas verdades comprovadas por meio de methodos positivos, á luz deste principio de causação de todas as instituições sociaes, cahem por terra todas estas doutrinas phantasiosas, baseadas n'um principio de justiça absoluta e outras chimeras, como vontades sobrenaturaes, faculdades racionaes ou livre arbitrio.

A sociologia é uma sciencia.

(Continua.)

JOSÉ RABELLO.

(1) *Farpas*. Eça e Ortigão.

(2) Princ. G. de Philosophia Positiva.

Emfim tenho sido preguiçoso, mas como tenho habilidade, prometto d'ora em diante trabalhar mais.

O SR. ZÉ BALDUINO—Eis aqui a **Tribuna Academica**.

O SR. PAULA MARINHO—Se foi impressa na casa do Sabino, não presta, porque elle não tem o material que eu tenho, nem pode competir-me no preço. Mas emfim entrem para ver esta porcaria.

O CONSELHEIRO LORETO—Apresentem as suas credenciaes.

O SR. SAMUEL MARTINS—*Na ardencia das paixões, os bardos, os poetas são como as borboletas, vóam em turbilhões* (4). Mas... cousa assim eu nunca vi, apenas cahi na lucta, escondi-me n'uma gruta, nunca mais appareci.

E até disse a alguem: eu já morri.

Porém pude resuscitar, e agora sou um dos *tribunos academicos* e breve terão que lêr os meus **Amulêtos** (versos).

O SR. HILDEBERTO GUIMARÃES—Meus Senrs., eu estou abafado e sou muito barbado. Já estou no 3º anno e tenho escripto tão pouco!

## O anno de 86 e a Academia do Recife

A Academia do Recife entrou n'uma phase de consternação e desalento.

Não ha negal-o.

Os ultimos annos foram estereis.

Durante elles, foram abertas as portas da Academia do Recife de par em par.

O Rio Grande do Norte mereceo as honras desta *magnanimidade*; dava entrada franca para os diferentes tabernaculos das sciencias superiores existentes no Imperio a quem quer que lh'a pedisse.

E quem mais soffreo os resultados desta *philantropia* foi sem duvida a nossa Faculdade por isso mesmo que está mais perto do theatro de similhante *generosidade*.

Por outro lado, a facilidade com que se obtinha approvação nos actos *extraordinarios*, denominação que substituiu a de *vagos*, desde um celebre aviso do Sr. Maciel, fascinava á maioria dos academicos do Recife.

A Reforma Franco de Sá, a queda do ministerio Dantas e subsequentes boatos de suspensão da dita Reforma eram o objecto de nossa preocupação constante.

Causas multiplicadas arrefeceram o estudo entre nós; e tudo indicava que estavamos passando por um periodo anormal e revolucionario.

Poucos, muito poucos, á similhaça do propheta Jeremias sobre as ruinas da Sião antiga, choravam

Maldita preguiça! Isto não pode continuar.—*Laboremus*—.

O SR. EUCLIDES QUINTEIRO—Aqui está o Quinteiro dos pannos mornos, o homem das distincções. Dei pouco, mas prometto muito na litteratura. O meu folhetim..... disfarçemos, eu agora vou escrever serio.

O SR. NILO PEÇANHA—Eu sou um republicano decidido, sabe, *a monarchia tomba allucinada pelos seus crimes*, sabe, *com amargurado pranto dos seus ambiciosos mantenedores*, sabe?

O SR. ZÉ BALDUINO—O Nilo canta como um canario do Imperio.

O SR. EUCLIDES QUINTEIRO—Falla até pelos cotovellos, mas esqueceo-se daquella virgula... aquillo foi o diabo!

O SR. NILO PEÇANHA—O Nilo quando enche transborda, fallarei menos e trabalharei mais.

O SR. JOSÉ MANTA—Eu apenas escrevi um artigo, na minha vida, é verdade que estava bom, mas é tão pouco!....

O SR. BIANOR DE MEDEIROS—E' porque o Sr. vive estudando Astronomia.

e carpiam a sua desgraça sobre as ruínas desta nova Sião.

A cousa foi tal que ultrapassou as raias da seriedade; escandalizou a todos.

Entretanto, parece que tudo não está perdido. O anno de 1886 parece de regeneração, apresenta-se nos auspicioso, augura-nos dias mais propicios.

Fallando da Convenção no *Noventa e três*, Victor Hugo diz: "Os oradores saudavam as turbas; ás vezes lisonjeavam-nas; diziam:— *Tu és infallível, tu és irreprehensível, tu és sublime*;—o povo tem um lado infantil; gosta destes confeitos."

Este systema de elogiar produz sempre bons resultados. Apesar de ser velho, de ja ter cans, o effeito é infallível.

O General grita ao exercito sob seu commando: Soldados, vós sois soldados, avançai.

O Brasileiro grita aos seus patriotas: Vós sois brasileiros; o argentino, vós sois argentinos; o paraguayo, vós sois paraguayos.

Estas chapas estão, é verdade, gastas; mas não obstante são de effeito estes incitamentos. Ainda uma vez foram postos á prova.

Foi o que aconteceu com a mocidade academica do Recife. De todos os lados se ouvia: "Moços, vós sois moços; vós representais a mentalidade do Recife; vós sois a esperança da patria; trabalhai; movei-vos."

O SR. JOSÉ HUGO—*Et ego quoque*, isto quer dizer: eu sou um mandrião só tenho um artigo escripto. Tenho muito medo da critica.

O SR. SAMUEL MARTINS—Quem não tem coragem não amarra negro.

O SR. FIGUEIRÓA SOBRINHO—Eu fiz parte da redacção do Binoculo e hoje estou na **Tribuna Academica**. Tenho escripto muitos versos na 8ª pagina do Diario e tenho muitos ineditos. Eu sou a preguiça racionalizada, para escrever preciso de ferrão, máo grado de meus amigos, pois me julgam um moço aproveitavel.

O SR. HENRIQUE MARTINS—Srs., eu sou meio poeta, meio prosa, "o estudo do Direito moderno entre nós é como a calça do sertanejo na noite do casamento, e a velha philosophia é a seroula do noivo" (5).

(Ouve-se um rumor da parte de fóra, é polemica.)

O SR. PAULA MARINHO—Que barulho é este ahi fóra?!

O SR. ZÉ BALDUINO—Nada, meu amigo. Estão aqui os Srs. Costa Filho, Claudino dos Santos, e José de Mello; e eu opponho-me á entrada do terceiro.

Sortio o desejado effeito.

O anno de 1886 apresenta-se contrastando o de 85.

Um anno apenas!.. E a mocidade academica não parece a mesma fria e indolente do anno passado!

E' que a mocidade gosta dos mesmos confeitos de que nos falla Hugo, e tem o mesmo lado infantil que esse illustrissimo escriptor descobriu no povo.

GALDINO LORETO.

### Recebemos e Agradecemos

Recebemos pela primeira vez a visita do *Equador*, revista litteraria escripta pelos nossos intelligentes collegas Alcedo Marrocos, Alvares Costa, Henrique Azevedo, Gonçalves Maia, Amaro Rabello e Eduardo Tavares.

Do seu todo *irreprochable* destacam-se como pontos luminosos os dois primeiros artigos. Gostamos immenso!

Que viva e que floresça!  
E' o nosso desejo!

Offereceu-nos o Sr. João Freitas o seu ultimo trabalho: *Excursão pelos dominios da entomologia*.

O illustre escriptor dedicou-se na verdade a um ramo de estudos esquecido, entre nós; comtudo não deixa de ter merito e os nossos applausos.

Entram os dois.

O SR. COSTA FILHO—Comecei a praticar com meus **Ensaio Poeticos** e depois atirei-vos as **Metralhas** mas, como o Abolicionismo eclipsou-se, estou na expectativa. Depois da conferencia...

O SR. ZÉ BALDUINO—*E como os abolicionistas se devem portar?*

O SR. COSTA FILHO—Isto é o que eu não sei se me fiz comprehender.

O SR. EUCLIDES QUINTEIRO—Meu amigo, conferencia não é marimba que negro toca.

UMA VOZ DE FÓRA—Isto ahi dentro é uma *igrejinha*.

O SR. ZÉ BALDUINO—O José de Mello está *damnado*.

O SR. CLAUDINO DOS SANTOS—Eu sou o autor das **Estatuetas e Ebullições**, não me confundam com o Claudino Rabicho, vejam que sou um moço modesto e trabalhador, e aquelle homem é um pomadista, é o autor de um recitativo ao som da polka *Cochicho*. Prometto-vos alguma cousa este anno.

O SR. ZÉ BALDUINO—Chegou a redacção do **Equador**.

O SR. ALVARES DA COSTA—Ah!!

"Cada um traz seu contingente, cada um offerece um punhado de observações e de estudos, cujo conjuncto constitue um todo, uma verdadeira agglomeração de principios tendentes ao mesmo fim social".

Ao laborioso escriptor mil saudações!!

### Noticiario

Em commemoração ao decreto do ensino livre, muitos moços da nossa Faculdade realizaram na tarde do dia 19 de Abril uma passeiata academica, que esteve numerosa e muito animada.

Partiram do jardim em frente a nossa Academia ás 4 e meia horas da tarde e recolheram-se ás 8 horas da noite, depois de serem percorridas as principaes ruas desta capital, levantando-se por esta occasião muitos vivas ao conselheiro Leoncio de Carvalho e ao ensino livre. Muitos foram os oradores que usaram da palavra.

Felizmente parece que a ardencia das datas como esta, não se apaga no torvelinho do esquecimento.

Parabens aos promotores da festa.

Nomeado promotor publico de Jaguaribe-merim no Ceará, seguiu ha poucos dias para tomar posse desse lugar o nosso amigo, bacharel Jorge Victor Ferreira Lopes Netto.

Estudioso e habil é possivel que faça uma bonita figura na carreira da magistratura brasileira.

Já está por aqui a **Tribuna Academica**!! Andaram mais depressa do que nós, e *precedeu-nos por dois dias*. *Mais reflexão, collegas*.

O SR. SAMUEL MARTINS—Nem nos lembramos de vocês. Fatalidade! Esquecimento!

O SR. FIGUEIRÓA SOBRINHO—E' um pau por um olho.

O SR. ALVARES DA COSTA—Agradecemos a nossa nitida impressão, ao Sr. Paula e damos *palminhas* á **Tribuna**.

Eu tenho um discurso, que fiz como orador do 3º anno, que, a fallar com franqueza, está bom, e *depois, Mocidade, o futuro é nosso*.

O SR. ALCEDO MARROCOS—Eu sou poeta e sou meio *philosopho*. Até que afinal! Não tardam as minhas **Estréas** (versos).

*O coração do amante é como o lago, reflecte sempre o mesmo pedaço de ceu, a effigie da mulher amada*.

UMA VOZ—Bonito!

O SR. ZÉ BALDUINO—E se fôr passando um urubú entre o céo e o lago?

(Hilaridade geral no recinto.)

O SR. AMARO RABELLO—Já leram as minhas **Crispações**? A fran-

Ao nosso Victor desejamos realizadas no futuro as suas esperanças do presente.

Ha poucos dias chegou a esta provincia, vindo do Rio de Janeiro, onde exerce o lugar de professor de philosophia no Collegio Pedro II o profundo litterato e critico Dr. Sylvio Romero.

A sua estada entre nós é summamente agradável por encontrarmos feliz occasião de conhecê-lo pessoalmente.

Aproveitamos o ensejo para saudar o mestre.

A apparição do que pode constituir um elemento de estudo e adiantamento das doutrinas da philosophia hodierna, não pode deixar de impressionar o espirito de todo aquelle que sente a impetuosa corrente das opiniões, no vasto oceano da sciencia.

O Dr. Aprigio Guimarães n'um trabalho intitulado "Miscellanea Philosophica e Sociologica", no intuito de fornecer á mocidade estudiosa um meio pratico de desvendar os mysterios da tão contravertida "Sciencia Social", expõe o estudo das escolas e methodos, com a mais completa analyse das respectivas theorias de H. Spencer, comparativamente com as idéas philosophicas de A. Comte.

Um dos seus filhos, e nosso collega de redacção emprenhe actualmente a publicação d'esta mesma

queza começa por casa, aquillo para principiar está bem regular.

Quem quer que vós sejais,  
Loreto ou Samuel,  
Eu sei vos erigir  
Um throno de papel.

Quem quer que vós sejais,  
Poeta ou prosador,  
Eu sei vos levantar  
Aos Andes, qual condor.

O SR. J. I. RABELLO — Srs., eu me pareço muito com Amaro, *ambo florentes etatibus arcades ambo*. Amaro é o *Esau*, não porque nascesse felpudo, mais porque tirou-me a *primogenitura* dos oculos e das produções litterarias.

Viva a *Evolução*!

O SR. GLZ. MAIA — Eu sou conservador; sei que isso não vem ao caso, porém, sou conservador; penso mais em politica do que em litteratura. Eu sei tambem que no caso em que as *cousas* estão, o que nós precisamos é de mostarda; mas eu applico pannos de vinagre. Sou conservador. O Eduardo Tavares manda dizer que, apezar de ser re-

obra, que comporá seguramente um volume de 200 paginas, animado pela convicção, em que se acha, de que é sempre merecedor do concurso de seus conterraneos o homem, que trabalha pelo enriquecimento das letras patrias, attirando ao turbilhão das duvidas e incertezas um atomo de suas constantes locubrações.

A' esta obra junta-se um discurso inedito, proferido na Faculdade de Direito por occasião de uma solemnidade de collação de gráo, no anno de 1876, como paranympho dos doutorandos José Hygino Duarte Pereira, Manuel Pinto Damaso, e Frederico Augusto Borges.

A' mocidade academica, ainda estremecida pela lembrança do mestre amigo e sempre dedicado á causa do levantamento moral de tão nobre corporação, dirigimo-nos especialmente, confiados no seu generoso acolhimento.

Victima de uma phthisica galopante, falleceu na capital do Ceará, para onde se retirára ultimamente em companhia de sua Exm. Familia, o intelligente estudante do 2.º anno Carlos Moreira da Silva, natural do Maranhão.

Era o finado geralmente estimado pela franqueza e lealdade do seu character e jovialidade de seu genio.

Tendo-se matriculado em 85 proximo passado no 1.º anno de nossa Academia, Carlos Moreira distinguio-se pelo seu amor ao estudo e

dactor do Equador, no entanto não escreveu ainda nelle e que, como eu, é conservador.

O SR. HENRIQUE AZEVEDO — Srs. eu sou gordo como um frade de S. Bento, e como gosto muito da musica, peço permissão para cantar uma modinha lyrica ao som das cavatinas do Salles Barbosa. Advirto, porém, que fará comigo um dueto da D. Juanita — o *inglez* Sallesbarbosy.

O SR. ALCAIDE — Canta:

Dois poetas eu conheço, — Oh yes.  
Um tambem escreve em prosa, — Oh yes.  
O primeiro é um seu criado, — Oh yes.  
Outro é Salles Barbosa — Oh yes.

CÔRO

Eu vi nos museos d'Europa — Oh yes.  
Quadros de pinturas finas, — Oh yes.  
Mas aqui em Pernambuco  
Rimo ao som das cavatinas. . . .

BIS

Eu vi nos museos d'Europa — Oh yes.  
Quadros de pinturas finas, — Oh yes.  
Mas aqui em Pernambuco  
Rimo ao som das cavatinas. . . .

Oh yes! Oh yes! Oh yes! . . .

comportamento exemplar, e a approvação que obteve no fim do anno, deveu elle unicamente aos seus esforços. A colonia maranhense perdeu um dos seus mais sympathicos membros e o 2.º anno um dos seus mais brilhantes ornamentos.

A Tribuna Academica pranteando a morte do jovem finado, apresenta a sua Exm. Familia as mais sinceras condolencias.

## ULTIMA VERBA

### Primeira carta

A Bianor de Medeiros

Ella estava a tecer o seu crochet  
Quando a criada lhe chamou a um canto,  
E lhe fazendo entrega de uma carta,  
Olha em torno de si, medrosa um tanto.

Leia, diz-lhe, e depois guarde em segredo,  
Elle pediu-me assim, façam-se o gosto,  
Mesmo não quero, fui bem paga, creia,  
Em troca disso dar-lhe algum desgosto.

Vacilla Alzira, empallidece e chora;  
— Quem a mandou p'ra mim? — Foi o Sr. . . .  
Que mora ali, lhe respondeu Aurora.

Rasga o invol'cro e lê phrases de amor,  
Vou mostral-a a mamã, — Oh! não, senhora!  
Ella era innocente, — era uma flôr,

FIGUEIRÔA SOBRINHO.

A Tribuna Academica assigna-se á razão de 500 rs. por mez.

Toda correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da redacção, Praça do Conde'Eu, 32, 2º andar.

As nossas columnas são francas aos nossos collegas mediante a condição de assignaturas.

O poeta é victoriado com uma salva de palmas e o riso geral dura 15 minutos.

O SR. JOSÉ HUGO — Para terminar: Em vista dos serviços prestados pelo Sr. Zé Balduino, resolvi acclamar-o Barão de Piassava. — Os Srs. que approvam queiram dar um espirro.

Houve um *at-chim unisono* e foi unanimemente approvado.

O SR. SAMUEL MARTINS — Comunico que o nosso jornal vai para a typographia Apollo.

O SR. BARÃO — Por isso é que eu estava sentindo um cheiro de *Cajú-rubéba*.

TABLEAU.

PANFUCIO & PANCRACIO.

- (1) Vid. Elucidario d'Alma (prologo).
- (2) Vid. Almas Penadas (prologo).
- (3) Vid. Elucidario d'Alma (prologo).
- (4) Vid. O Bello — Phototipias.
- (5) Conclusão maliciosa tirada de um de seus escriptos por um folhetinista.